

# SHAKESPEARE E A ECONOMIA



Gustavo H.B. Franco

A ECONOMIA DE SHAKESPEARE

Henry W. Farnam

A ECONOMIA EM SHAKESPEARE



**ZAHAR**

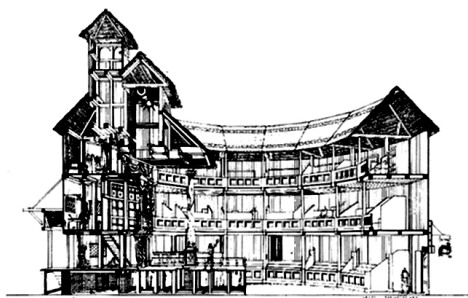
Rio de Janeiro

Gustavo H.B. Franco



A ECONOMIA DE  
SHAKESPEARE

*O retrato do capitalismo quando jovem*



## I. O HOMEM E SUA OBRA

Sabe-se inacreditavelmente pouco sobre “Gulielmus, *filius* Johanes Shakspear” (William, filho de John Shakespeare), o cidadão batizado nesses termos em 26 de abril de 1564, nascido alguns dias antes, não se sabe bem quando, e morto em 1616, aos 52 anos, no dia 23 de abril, que se convencionou adotar *também* como a data de seu nascimento, possivelmente por coincidir com o dia de São Jorge, padroeiro da Inglaterra. Não há anotações, diários ou cartas, nada que ele tenha deixado e que pudesse trazer muita luz sobre sua vida e obra.

Exceto pelos relatos de terceiros, gente que o conheceu ou que guardou histórias sobre ele, reais ou fabricadas, assim alimentando uma espécie de narrativa mítica sobre o homem, existem apenas os registros legais, batismo, casamento, depoimentos em processos e o seu testamento, que, conforme Stanley Wells, um de seus principais biógrafos,<sup>1</sup> “foi o mais e o menos pessoal dos documentos de Shakespeare a sobreviver”. Era friamente pessoal na medida em que o testamento estabelecia complexos dispositivos sobre a divisão de seus bens, que, como veremos, não eram poucos. Ademais, foi escrito por um advogado como documento jurídico padrão, sem qualquer vestígio da pena de Shakespeare, qualquer menção a seus livros, manuscritos e obras publicadas ou por publicar. Era mais uma porta fechada para o gênio, e o pouco que mostrava sobre o homem e seus problemas no fim da vida, como sugere Kathernie Duncan-Jones, em um ensaio biográfico recente, e um tanto mais polêmico, “inevitavelmente desapontará”.<sup>2</sup> O leitor e especialmente o investigador

iniciante e ocasional, diante desta cidadela de mistério, podem facilmente se impressionar com os “maus versos”<sup>3</sup> do epitáfio do poeta:

Amigo, em nome de Jesus amado,  
 Não cave o pó que está aqui guardado  
 Bendito quem estas pedras poupar,  
 Maldito quem meus ossos revirar\*<sup>4</sup>

Nada indica, todavia, que esta maldição “reputadamente brutal” seja de autoria do bardo; era comum nas lápides da região, mas permite a conjecturas, como a de que ele não queria que sua esposa fosse ali enterrada<sup>5</sup> – este, mais um de incontáveis enigmas sobre o homem. O fato é que a maldição que enuncia, com o tempo, veio a assumir o formato singular de um desafio para os intérpretes do dramaturgo, os que remexem seus ossos, a julgar pela observação de Peter Brook: “Escreveram-se milhões e milhões de palavras sobre Shakespeare – a tal ponto que é quase impossível descobrir hoje um pensamento novo sob a pena de quem quer que seja.”<sup>6</sup> O mesmo vale para um comentário de T.S. Eliot: “O máximo que podemos esperar quanto a Shakespeare é estarmos errados dentro de uma nova abordagem.”<sup>7</sup>

Exceto, talvez, por um solitário manuscrito, um trecho de uma peça censurada, *Sir Thomas More*, da qual se acredita que Shakespeare tinha sido um dos autores,<sup>8</sup> tudo o que comprovadamente restou de seu próprio punho foram exatos seis exemplares de sua assinatura, cada qual numa grafia diferente e mais feia. Embora haja quem tome este pequeno

\* Good frend for Jesvs sake forbear, / to digg the dvst enclosed heare. / Blest be y man y spares thes stones / and cvrst be he y moves my bones.

\*\* Encontra-se na British Library um manuscrito a várias mãos, sem data, intitulado *Sir Thomas More*, que teria Shakespeare entre seus autores. Originalmente, esta peça teria sido submetida por seus autores prováveis – Anthony Munday e Henry Chettle – a sir Edmund Tilney, Master of the Revels, a autoridade responsável pela censura e autorização de peças de teatro naquela ocasião. Tilney proibiu a peça, determinou revisões e, em resposta, o texto foi reescrito. O novo manuscrito, este que sobreviveu, tem cinco autores e também inserções creditadas ao próprio Tilney. Um desses autores, o responsável por exatas 164 linhas, conhecido como o da “caligrafia D”, teria sido o próprio Shakespeare. Os indícios produzidos por exames paleográficos, a partir das assinaturas do poeta, são convincentes, embora não definitivos. Considerações literárias, todavia, reforçam a tese da autoria, que se estabelece a partir dos anos 1920. O manuscrito é imensamente revelador sobre os métodos de trabalho do bardo. Cf. Dobson e Wells, 2008, p.433.

detalhe muito a sério, a ponto de usá-lo como apoio a teorias mirabolantes sobre a autoria das peças, aquela era uma época – conforme adverte o linguista David Crystal, grande autoridade em assuntos shakespearianos – em que o conceito de “grafia correta” ainda não tinha se estabelecido como hoje o entendemos.<sup>8</sup> A língua inglesa passava por um momento de descoberta, inovação e consolidação, como de resto todo o panorama da economia. Envolvia, ademais, a adoção das convenções da linguagem escrita; por ora, ainda o latim, “desde a década de 1540, tornara-se o veículo para todo comentário fluente e elegante, em qualquer campo de conhecimento, em Cambridge e Oxford”.<sup>9</sup>

Em 1605, na Biblioteca de Oxford, que não incluía peças de teatro, havia apenas 36 livros em inglês entre cerca de 6.000 volumes.<sup>10</sup> O primeiro dicionário da língua inglesa foi publicado em 1604, mas talvez fosse só um primeiro esboço, pois contava apenas 2.521 verbetes. Shakespeare, em sua obra reconhecidamente abundante, ou mesmo superlativamente exuberante em vocabulário, teria usado algo em torno de 20 a 30 mil palavras diferentes e *inventado* cerca de 1.700.<sup>11</sup> Outra estimativa, de “primeiro uso registrado” de palavras, eleva este número para 2.035.<sup>12</sup> Por isso se diz que a genialidade de Shakespeare, entre tantas virtudes, tem a ver com as palavras, ou mesmo com a invenção do próprio idioma – uma de numerosas inovações revolucionárias da época, como o próprio teatro, e também, destacadamente, a economia de mercado. Com efeito, a língua ia amadurecer espetacularmente com Shakespeare e depois dele, em virtude do comércio, mas também e principalmente pelo teatro. Mas o fato é que um século e meio ainda se passaria antes da publicação, em 1755, do grande e paradigmático dicionário de Samuel Johnson, o grande homem de letras do século XVIII, e não por acidente também um dos mais importantes editores e intérpretes de Shakespeare.

Não é de se estranhar, portanto, que, na época em que Shakespeare viveu, em 342 aparições por escrito de seu nome em manuscritos da época, possam ser encontradas exatas 25 variantes diferentes de grafá-lo: Shackspeare, Shagspere, Shaxberd, Shekspere, entre outras. Ele próprio assinou seu nome de diferentes maneiras nos seis exemplares que sobreviveram! O assunto merece gentilíssima sátira no filme *Shakespeare apaixonado*, cuja primeira aparição do herói em seu quarto, escrevendo, é descrita no roteiro consagrado de Marc Norman e Tom Stoppard da seguinte forma:

A intervalos regulares, vemos pedaços de papel amassados sendo atirados contra a prateleira. O homem que os está atirando, Will Shakespeare, está curvado sobre a mesa, escrevendo concentrado com uma pena. Agora vemos o que ele está escrevendo: Will está praticando sua assinatura, repetidamente. Will Shagsbeard... W Shakspur... William Shasper... A cada tentativa insatisfatória, amassa o papel e joga fora.<sup>13</sup>

O premiadíssimo filme possui inúmeros outros tons de sátira, a começar por oferecer uma conjectura, tão boa como tantas outras disponíveis, sobre como Shakespeare conseguiu o dinheiro (50 libras) para se tornar acionista da companhia de teatro Chamberlain's Men.\* Inclui também uma levemente insolente subversão na cronologia das peças: o enredo de Norman e Stoppard tem lugar em 1593, em torno da composição de *Romeu e Julieta*, que, na verdade, teria sido encenada pela primeira vez não antes de 1595, e de *Noite de reis*, supostamente escrita a seguir, mas que na verdade é datada entre 1600 e 1602, havendo cerca de uma dúzia de peças entre uma e outra. Isso para não falar no fato de a rainha jamais ter pisado no Curtain, no Rose ou em qualquer teatro; e de o papel ser mercadoria tão cara naqueles dias, e parcela tão importante dos custos de um autor, que, como observa uma autoridade, Andrew Gurr, “o escritor em *Shakespeare apaixonado* que tão livremente destrói as folhas onde luta para escrever *Ethel, a filha do pirata* não era um elisabetano”.<sup>14</sup>

Sobre o filme, mais genericamente, vale registrar o comentário de outra autoridade, Stanley Wells:

---

\* O leitor cinéfilo não deve se furtrar a visitar o final alternativo do filme, disponível na versão em DVD, no qual Richard Burbage, o líder da companhia, toma o dinheiro (50 libras) que Will ganhou na aposta com lord Wessex e dá as boas-vindas a Will como sócio de Chamberlain's Men. Burbage e Shakespeare saem de cena conversando sobre o futuro, à moda do final de Casablanca. A conjectura mais popular sobre como Shakespeare pagou as 50 libras envolve o compromisso de escrever novas peças em bases periódicas (Honan, 1998, p.254), ou o fato de um mecenas, o conde de Southampton, a quem dedicou poemas e com quem se especula que pudesse ter desfrutado de maior intimidade, tenha lhe doado o dinheiro (Akrigg, 1968, p.220).

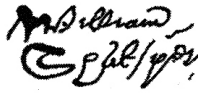
Com a sua convincente reconstrução do teatro Rose e a forma pitoresca de representar a corte elisabetana e o teatro, os espectadores que procuram realismo documental recebem uma impressão sobre Shakespeare e seu ambiente teatral tão falsa quanto alguém que buscasse em *Rei Lear* informações precisas sobre a Inglaterra no século VIII d.C.<sup>15</sup>

Mas que importa? Se há algo que encanta o público em geral e muitos shakespearianos em particular é a leveza com que o filme trata uma tensão, presente em muito do que se escreve sobre Shakespeare, entre a grandeza infinita da obra e a irritante insignificância das informações sobre o homem; ou, como descreveu Bryson, Shakespeare

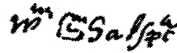
As seis assinaturas de Shakespeare



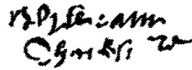
*Shakp*, 1612, depoimento no processo Belott-Mountjoy.



*Shakspe(r)*, 1613, escritura de Gatehouse.



*Shakp*, 1613, hipoteca de Gatehouse.




*Shakspeare*, 1616, primeira e segunda folhas do testamento.



*Shakspeare*, 1616, terceira folha do testamento.

seria “a mais conhecida e a menos conhecida das criaturas”.<sup>16</sup> Diante desse desconforto, a propensão é grande, na biografia e mesmo na crítica, a preencher as lacunas sobre o homem e suas motivações lançando mão dos textos das peças, ou ainda com as pistas instigantes contidas nos sonetos, supostamente mais reveladores, ao trazerem a voz do autor na primeira pessoa.

Criam-se assim infundáveis enredos, alguns muito bem achados e sugestivos, a maioria exagerada, mas a todos faltando o efetivo apoio empírico. Mas como resistir? Todo o inesgotável acervo de imagens da obra é potencialmente revelador e autobiográfico. Ou não, e não há como saber; quanto desse material pertence à vivência do próprio autor? Sigmund Freud, ninguém menos, opinou: “Para mim é inconcebível que Shakespeare obtivesse tudo de segunda mão – a neurose de Hamlet, a loucura de Lear, a ousadia de Macbeth e a personalidade de Lady Macbeth, o ciúme de Otelo.”<sup>17</sup> Como não se deixar dominar pela conjectura, especialmente quando, qualquer que seja ela, é sempre possível encontrar apoio na leitura idiossincrática de *algum* trecho?

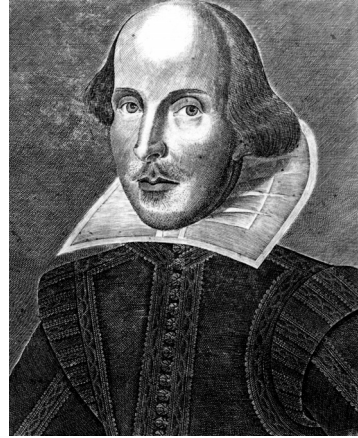
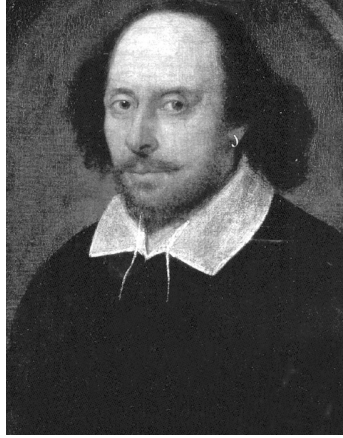
Na verdade, esse viés conjectural está flagrantemente presente já na primeira biografia, de 1709, escrita pelo primeiro editor de Shakespeare, Nicholas Rowe, inserida na primeira reedição das obras completas de Shakespeare desde os *folios* do século XVII. A primeira publicação da obra teatral completa é de 1623, conhecida como *First Folio*, edição póstuma, organizada por seus colegas da companhia de teatro Chamberlain’s Men, John Heminges e Henry Condell. Nada menos que metade das peças de Shakespeare teria se perdido se não tivessem sido recuperadas e publicadas por estes senhores, talvez por isso “os maiores heróis literários de todos os tempos”.<sup>18</sup>

É no *First Folio* que aparece a mais conhecida imagem de Shakespeare, a icônica gravura de Martin Droeshout, com todos os seus defeitos e desproporções, feita a partir da efígie que está na Trinity Church em Stratford, esta, por sua vez, possivelmente encomendada pela família e feita a partir da máscara mortuária do bardo. Sua única imagem em vida é o conhecido “retrato Chandos”, que mostra um

As duas únicas  
imagens autênticas  
de Shakespeare.

À ESQUERDA:  
“Retrato Chandos”,  
de autoria  
desconhecida.

À DIREITA:  
gravura de  
Martin Droeshout,  
que aparece no  
*First Folio*.



homem digno, com um brinco de ouro na orelha esquerda, indicação de “um espírito audacioso e rebelde”.<sup>19</sup> Muitos outros supostos retratos de Shakespeare surgiram ao longo do tempo, mas nenhum foi reconhecido como autêntico. O mais recente, de 2009, mostra um homem próspero, como o qualificou Stanley Wells, mas não é possível dizer mais.

Outros *folios* foram publicados posteriormente, com revisões e inclusões, sobretudo a partir dos *quartos* — os textos das peças ocasionalmente publicados durante o período em que eram encenadas —, muitos deles edições não autorizadas e distorcidas, parecendo registros de memória de algum ator. O *First Folio* trouxe exatas 36 peças, metade das quais ali publicadas pela primeira vez, organizadas nas categorias comédias, histórias e tragédias. Posteriormente, duas outras peças foram incluídas no “cânone” (*Eduardo III* e *Dois parentes nobres*, provavelmente escritas em colaboração), que é como se descreve a obra completa, compreendendo peças de autoria compartilhada, como *Henrique VIII* e *Eduardo III*. Existem e ao menos duas peças perdidas: *Cardenio*, e *Love Labour’s Won*, ambas em colaboração com John Fletcher. Acredita-se que 1.000 cópias do *First Folio* tenham sido impressas, das quais 238 sobrevivem em diferentes estados de conservação, muitas das quais na Folger Library, em Washington.

O cronograma no início deste livro oferece ao leitor uma lista completa das 38 peças, e mais a poesia de Shakespeare, dispostas segundo a data presumida de término, com seus títulos já traduzidos para o português. É reproduzido do volume recentemente editado por Liana de Camargo Leão e Marlene Soares dos Santos, obra que reúne uma amostra representativa da produção de shakespeareanos brasileiros, com destaque para Barbara Heliodora.

A narrativa de Rowe, como a de todos os outros biógrafos que o seguiram, tinha de ser construída com fatos muito rarefeitos e que, pior ainda, não cresceram de modo muito significativo no decorrer do tempo. É comum dizer que, a se trabalhar com os fatos efetivamente documentados, a biografia de Shakespeare seria muito breve. Nasceu em Stratford-upon-Avon, estudou na escola secundária local até os 15 anos e casou-se aos 18 com Anne Hathaway, oito anos mais velha e já grávida. Sua primeira filha Susanna nasceu em 1583, e os gêmeos Judith e Hamnet em 1585. Aos 21 anos, quando parecia destinado a seguir o ofício do pai, fabricante de luvas, teve início o período designado pelos biógrafos como “anos perdidos”, no qual, em algum momento, mudou-se para Londres sem a família, tornou-se ator e autor, de tal sorte a se ouvir falar dele nessa condição pela primeira vez em 1592. Em 1594 entrou para a mais bem-sucedida companhia de teatro de seu tempo, episódio em torno do qual se constrói o filme *Shakespeare apaixonado*, e em 1599 já era sócio de um teatro, o Globe. Em 1609 tornou-se sócio de outro, o Blackfriars, e já possuía diversas propriedades. Seus últimos escritos foram de 1613, três anos antes de deixar este mundo.

Em absoluta desproporção com os mistérios sobre o homem, o volume e a qualidade das análises sobre a obra – muitas das quais empreendidas por alguns dos maiores nomes da literatura universal nos quatro séculos seguintes –, bem como a curiosidade sobre o autor cada vez mais consagrado, cresceram de forma extraordinária. São quatro mil novos títulos sobre Shakespeare produzidos a cada ano nos mais diversos países. Existem réplicas do Globe nos Estados



# A C A T A L O G V E

of the feuerall Comedies, Histories, and Tra-  
gedies contained in this Volume.

## COMEDIES.

|                                 |          |
|---------------------------------|----------|
| <b>T</b> he Tempest.            | Folio 1. |
| The two Gentlemen of Verona.    | 20       |
| The Merry Wines of Windsor.     | 38       |
| Measure for Measure.            | 61       |
| The Comedy of Errors.           | 85       |
| Much ado about Nothing.         | 101      |
| Loues Labour lost.              | 122      |
| Midsummer Nights Dreame.        | 145      |
| The Merchant of Venice.         | 163      |
| As you Like it.                 | 185      |
| The Taming of the Shrew.        | 208      |
| All is well, that Ends well.    | 230      |
| Twelve-Night, or what you will. | 255      |
| The Winters Tale.               | 304      |

## HISTORIES.

|   |         |
|---|---------|
| The Life and Death of King John.        | Fol. 1. |
| The Life & death of Richard the second. | 23      |

|  |     |
|--|-----|
| The First part of King Henry the fourth. | 46  |
| The Second part of K. Henry the fourth.  | 74  |
| The Life of King Henry the Fifth.        | 69  |
| The First part of King Henry the Sixth.  | 96  |
| The Second part of King Hen. the Sixth.  | 120 |
| The Third part of King Henry the Sixth.  | 147 |
| The Life & Death of Richard the Third.   | 173 |
| The Life of King Henry the Eighth.       | 205 |

## TRAGEDIES.

|                                      |         |
|--------------------------------------|---------|
| The Tragedy of Coriolanus.           | Fol. i. |
| Titus Andronicus.                    | 31      |
| Romeo and Juliet.                    | 53      |
| Timon of Athens.                     | 80      |
| The Life and death of Julius Caesar. | 109     |
| The Tragedy of Macbeth.              | 131     |
| The Tragedy of Hamlet.               | 152     |
| King Lear.                           | 283     |
| Othello, the Moore of Venice.        | 310     |
| Anthony and Cleopater.               | 346     |
| Cymbeline King of Britaine.          | 369     |

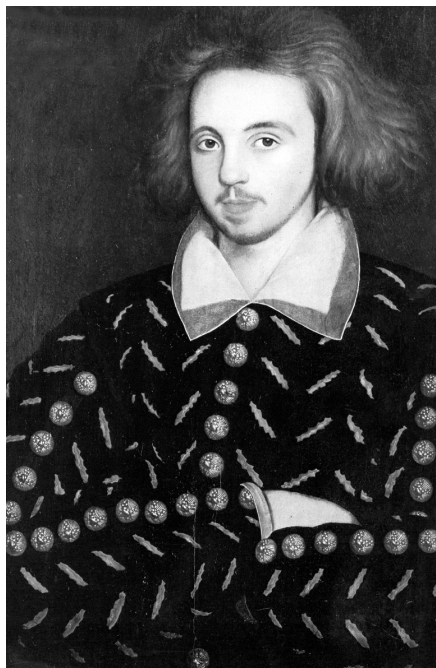
Sumário de First Folio. Troilus e Créssida está no volume, mas não aparece listada.  
Dois nobres parentes e Péricles não estão no volume.

Unidos, Canadá, Japão e Alemanha, tal como templos desse credo, atestando assim uma impressionante vitalidade dessa obra que se estabelece, como observa Bloom,<sup>20</sup> como “o centro estável do cânone ocidental” e parece alcançar a transcendência de uma “Escritura Secular”. Com isso, a lacuna entre o autor e a obra se torna simplesmente grande demais. Tudo se passa, conforme observa a professora Liana Leão, “como se a própria ficção se negasse a abandonar o seu maior criador. O que Rowe inaugura com a primeira biografia, portanto, não é somente a tentativa de resgatar a vida de Shakespeare, mas um verdadeiro movimento de ficcionalização da figura sempre enigmática do poeta”.<sup>21</sup>

É curioso que o clímax da tensão acima aludida entre a estatura da obra e o mistério sobre o homem comece a explodir na Inglaterra vitoriana, quando se encontrava firmemente fixada a noção de que a obra que constitui a maior realização da cultura ocidental pertencia a um autor que sequer cursou a universidade. A chamada “controvérsia da autoria”, vale dizer, a vasta família de teses segundo as quais o *verdadeiro* autor de peças de Shakespeare seria outra pessoa, era “um acidente esperando para acontecer”.<sup>22</sup>

A “teoria baconiana”, que atribui a autoria das peças a sir Francis Bacon, teve início em 1785 com o reverendo James Wilmont, mas popularizou-se apenas bem adiante, em 1856, a partir de um livro bombástico de Delia Bacon, escritora americana sem parentesco com sir Francis, mas auxiliada por um prefácio de Nathaniel Hawthorne. Descrita como bela e obstinada, Delia Bacon foi protagonista de aventuras rocambolescas envolvendo a tentativa de violar o túmulo de Shakespeare, onde estariam ocultas as provas de sua teoria, e – no que parece ser uma instância da maldição do epitáfio – terminaria seus dias em um manicômio.<sup>23</sup> O mesmo não se passou como outros “baconianos”, como William Henry Smith, escrevendo em 1857, com o juiz americano Nathaniel Holmes, em 1866, e mais tarde, em 1888, com Ignatius Donnelly, um espiritualista segundo o qual Bacon teria deixado provas de sua autoria no *folio* de 1623, ocultas em um complexo código matemático.





Christopher Marlowe  
(1564-93), poeta e dramaturgo,  
um dos mais brilhantes de  
seu tempo.

Há problemas, para se dizer o mínimo, com a “teoria oxfordiana”, a começar pelo fato de que De Vere morreu em 1604, e cerca de uma dúzia de peças foi escrita desta data até 1616, quando William Shakespeare morreu, e também com a poesia medíocre que Oxford publicou ortônimo. Na essência, essa e outras teorias ditas “antistratfordianas” expressavam um inconformismo preconceituoso: a obra de Shakespeare seria “refinada demais para ter sido escrita por um mero ator de Warwickshire”.<sup>25</sup>

Existem, com efeito, inúmeros outros *candidatos* a verdadeiros autores das peças, quase todos nobres e bem-educados, como William Stanley, conde de Derby, Roger Manners, quinto conde de Rutland, sir Walter Raleigh, sir Edward Dyer, e também Robert Devereux, segundo conde de Essex, entre mais de 50 outros que chegaram a incluir a própria rainha Elisabeth e também Christopher Marlowe, que não era nobre, mas ao menos tinha estudado em Cambridge.

Marlowe, sem dúvida um autor que teve influência relevante sobre Shakespeare, morreu em 1593, mas, de acordo com essa teo-

ria, teria sido mantido vivo, oculto e produzindo ao longo de mais cinco anos durante os quais teria escrito toda a obra remanescente de Shakespeare. Ele estaria trabalhando para o serviço secreto da rainha, chefiado por sir Francis Walsingham, que teria sido seu amante.<sup>26</sup> Sobre essas especulações a respeito da autoria das peças, como observa Barbara Heliodora, “já se disse, na verdade, de tudo, atestando uma surpreendente variedade de formas de loucura”.<sup>27</sup>